

# Madeira certificada, a natureza agradece

**Cresce no mercado número de madeiras e empresas interessadas em obter selo ambiental**

EDUARDO NUNOMURA

Quando era menino, Antônio Carlos sentia orgulho da profissão do pai e do avô. Sabia que seria mais um madeireiro na família dos Ulianas. Cresceu e o orgulho virou vergonha. Descobriu que a profissão passou a ser sinônimo de motosserra e árvores caindo. Amigos cobravam dele a proteção às florestas. Sua consciência também. Na semana passada, ele fez: lançou a primeira porta de eucalipto do País com selo de certificação, garantia de que o produto não destrói as matas.

É nesse pequeno selo com três letras, FSC, que reside a esperança de Antônio Carlos e outros trabalhadores que "respiram" madeira e querem recuperar a auto-estima. A madeira certificada é fruto de uma iniciativa mundial para exigir dos madeireiros a exploração civilizada das florestas. Nada de tratores e caminhões numa grande área, nem motosserras derrubando árvores sem cuidado.

Para obter o selo FSC, exige-se uma série de cuidados no manejo da mata antes, durante e depois do corte (Veja ilustração). "A certificação é o instrumento mais eficiente para promover a melhoria social e a conservação ambiental, além de ser viável economicamente", diz Lineu Siqueira Júnior, coordenador do Instituto de Manejo Florestal e Agrícola (Imaflo), uma organização não-governamental que certifica florestas e madeiras.

O Brasil é o maior consumidor mundial de madeiras. Deveria ser o primeiro em certificação ambiental. Não é. Perde até para a Bolívia. Só três florestas da Amazônia brasileira são certificadas - uma área de 130 mil hectares, o equivalente a 7 mil estádios do Maracanã. Parece muito, mas a região tem área quase 4 mil vezes maior. Menos de dez companhias obtiveram o selo FSC para suas plantações de pinus e eucalipto em outras partes do País.

Em 1998, foi criado com 11 empresas o Grupo de Compradores de Madeira Certificada da Amazônia. Hoje, o grupo reúne 63 compradores, 2 Estados (Acre e Amapá), uma prefeitura (Guarujá) e uma demanda que chega a 1 milhão de metros cúbicos de madeira certificada por ano. Ou seja, a maioria dos móveis, portas, janelas e outros produtos ainda chega ao consumidor sem o selo. Estima-se que



■ A floresta deve manter pelo menos um décimo da mata intacta, uma garantia mínima para preservar a área. A extração da madeira não pode atingir as margens dos igarapés e rios. O transporte do material deve evitar passar nascentes.

## COLHEITA ECOLÓGICA Para obter o selo FSC

■ A mata é dividida em 20 ou 30 partes e só uma delas poderá ser utilizada em cada ano. Isso permite que áreas já exploradas se recuperem. Um ano antes do corte, é feita uma pré-colheita dos produtos da floresta, como cipós, orquídeas e bromélias.

■ As árvores a serem cortadas devem estar distantes uma das outras. O corte é de baixo impacto, evitando que outras espécies sejam derrubadas. Árvores mortas que estejam em pé serão mantidas, pois elas servem de abrigos a animais.



■ É feito indiscriminadamente. As madeiras, com ou sem autorização, ocupam uma área e iniciam o corte das árvores. As máquinas passam de uma só vez, derrubando as árvores e destruindo todo o entorno. Não há preocupação em salvar os animais.

## DESMATAMENTO O corte predatório



■ Cria várias clareiras dentro da mata, impedindo que as espécies voltem a se reproduzir. Só são aproveitadas as árvores de maior valor comercial, que são as mais raras. O restante é abandonado na mata.

■ Usa tratores e caminhões de grande porte, obrigando a criação de largos caminhos para o transporte da madeira. Quando uma área é explorada e não tem mais utilidade, passa-se para outra parte da floresta. Não é feito nem mesmo o reflorestamento.

80% da madeira brasileira seja explorada de forma predatória.

**Conscientização** - "Em 5 anos, vamos ter uma grande revolução, vamos ter a consciência dos consumidores", diz Mauro Armelin, da ONG Amigos da Terra e também do grupo de compradores. Segundo ele, o processo vai decolar quando as pessoas cobrarem a procedência das madeiras que usam. Hoje, compra-se piso ou uma estante de madeira sem se importar se houve destruição de floresta. Em geral, as

madeiras mais raras são as mais procuradas pelas motosserras. Todas as outras espécies, que são derrubadas na hora do corte, apodrecem na mata.

O breu - árvore da Amazônia que chega a 30 metros de altura e 80 centímetros de diâmetro - é uma das deixadas de lado. Essa madeira vai ganhar a primeira chance, nas mãos habilidosas de artesãos da Aver Amazônia. É uma empresa recém-inaugurada que já nasce com nova mentalidade ambiental. Começou com o convite do governador

Jorge Viana, em 1999, para que Etel Carmona, uma designer produtora de peças de madeira valiosas no mercado da decoração, e Virgílio Viana, engenheiro florestal e fundador da Imaflo, trabalhassem com uma comunidade no Acre.

Hoje, somaram-se ao grupo Pedro Petry, André Guimarães e Ricardo Salem. A comunidade pertence ao Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira, berço de Chico Mendes, um dos ecologistas-símbolo da Amazônia. Reúne 68 famílias numa

área de 24 mil hectares. São eles que vão explorar as madeiras do projeto e vender para a Aver Amazônia. A empresa tem sede em Xapuri e é formada por artesãos locais que aprenderam a construir móveis com Etel.

"Esse é o tipo de empreendimento ideal para a Amazônia. Não seremos simples exportadores de madeira, mas fornecedores de produtos com grife e qualidade", orgulha-se o secretário de Florestas e Extrativismo do Acre, Carlos Vicente.

O projeto, que ainda vai pas-

sar pelo processo de certificação, é mais criterioso do que o selo FSC exige. Além de atender a todas as exigências do padrão mundial, as famílias terão o cuidado de cortar só árvores-avós. Essas serão de ter uma filha adulta já procriando e duas netas vigorosas. Antes da colheita, serão recolhidos os cipós, bromélias, orquídeas e outras plantas que estiverem sobre as árvores. Na exploração predatória, os cipós são mantidos porque acabam arrastando para o chão outras espécies. "As outras grandes fábricas devem seguir o exemplo da Aver. Abrir filiais na Amazônia e produzir por lá", diz Etel. "O seringueiro vai parar de desmatar a floresta", afirma Virgílio.

**Pastos** - A adesão dos habitantes das florestas é o maior desafio e também a maior recompensa que a certificação traz. Conscientizados, eles podem cobrar das autoridades projetos semelhantes ao do Acre. "Sempre me intrigou ver cortar madeira, fazer pasto e não ver gado na Amazônia. Tinha algo de errado", diz o madeireiro Antônio Carlos Uliana. "A vocação da Amazônia é ser um grande produtor de madeiras. Não podemos cometer o erro de fazer com esta floresta o que se fez com a mata atlântica", diz Mauro Armelin.

O selo da Forest Stewardship Council (em português, traduzido como Conselho de Manejo Florestal) é aceito mundialmente. Os europeus e americanos vão às lojas e perguntam de onde vem a madeira. São 20 milhões de hectares de florestas certificadas e mais de 10 mil produtos que já exibem o selo em 44 países. O Brasil tem cerca de 750 mil hectares de matas certificadas - a Suécia, 10 milhões.

Muitas marcas brasileiras se estão adaptando a esse padrão por causa do mercado estrangeiro. Ocorreu com a empresa Tramontina, que buscou a certificação para produtos de jardinagem. A Faber-Castell, produtora de materiais escolares, tem uma plantação de pinus em Prata (MG) para essa finalidade. A Klabin possui áreas certificadas de eucalipto, pinus e araucária em Telêmaco Borba (PR) e está prestes a produzir papel com selo FSC. A Tok & Stok produz alguns móveis com o selo.

Há outras duas empresas certificadoras no País, que ficam em São José dos Campos e Belo Horizonte. A certificação de floresta leva cerca de um ano, pois a análise é feita criteriosamente. "A certificação está de vento em popa, com um motorzinho junto", brinca Siqueira Júnior, do Imaflo. O motorzinho, claro, não é a motosserra destruidora.

## Material apreendido será usado em casa popular

**Convênio permitirá construção de moradias a baixo custo; projeto começa no Amazonas**

SANDRA SATO

**B**RASÍLIA - Casas populares serão construídas com madeira apreendida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), nos municípios incluídos no programa Comunidade Ativa. O projeto, parceria do Comunidade Solidária, Ministério do Meio

Ambiente e Ibama, aproveitará todo tipo de madeira, derrubada ilegalmente.

O Amazonas servirá de base para o projeto piloto. O ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho, estima ser possível construir até 800 unidades no Estado. Em todo o País, pode chegar a 17 mil. A proposta prevê que o próprio beneficiado ajude a construir a casa, em sistema de mutirão. O Comunidade Solidária articulará a participação dos governos, entidades e iniciativa privada no programa.

O chefe do laboratório de produtos florestais do Ibama, Mar-



Maquete da casa popular, com 2 quartos, sala, cozinha e banheiro

cus Vinicius da Silva Alves, explica que o uso da madeira na casa popular dependerá da disponibilidade do produto. A estrutura da casa e do telhado será sempre em madeira, mas as paredes podem ser de tijolos ou taipa.

O Ibama fornecerá às comunidades planta, tecnologia e assistência para o protótipo de uma casa com cerca de 48 metros quadrados (dois quartos, sala, cozinha e banheiro). Se for toda de madeira, serão gastos 5 metros cúbicos - pelo preço de mercado consumirão R\$ 4 mil. Mas Alves prefere não usar essa comparação, porque ressalta que ma-

deira apreendida não tem valor.

A cessão de madeiras ilegais como ipê, maçaranduba, jatobá e angelim para a construção de casas não tem prazo para acabar. Para Alves, o ideal seria que durasse pouco. Significaria que a extração de madeira sem autorização deixaria de existir.

Hoje, boa parte da madeira apreendida é perdida. Parte é utilizada para construção de parques ambientais, o que continuará ocorrendo. Outra parcela é doada a entidades. Mas há madeiras que ficam na própria madeireira, porque o Ibama não tem como recolher o produto.